

PEDAGOGIA QUEER: O que a psicanálise tem a ver com isso? **QUEER PEDAGOGY: Psychoanalysis have to do with it?**

Danielle Ferreira Bastos¹
Marília Etienne Arreguy²

RESUMO: O artigo analisa a invisibilização da criança dissidente na educação infantil a partir das interlocuções entre a psicanálise e a teoria *queer*. Com base na escuta de narrativas de professores e professoras de escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro, problematiza-se a centralidade do Complexo de Édipo na construção do gênero e a permanência de práticas educativas fundamentadas em classificações binárias. Discute-se o impacto das normativas cisheterossexuais na repressão das expressões infantis de gênero e sexualidade, evidenciando a produção de sofrimento psíquico. Defende-se a necessidade ética, clínica e política de ultrapassar as noções normativas de masculino e feminino, reconhecendo a polimorfia da sexualidade infantil, a bissexualidade psíquica e a inquietante estranheza que podem causar. A pedagogia *queer* é apresentada como um referencial teórico que possibilita repensar a relação entre psicanálise e educação, favorecendo o acolhimento das infâncias dissidentes e a valorização da fluidez e da multiplicidade na constituição das subjetividades.

Palavras-chave: psicanálise e educação, pedagogia *queer*, criança dissidente, sexualidade infantil.

ABSTRACT: This article analyzes the invisibility of dissident children in early childhood education based on the dialogue between psychoanalysis and queer theory. Based on narratives from teachers of public schools in the state of Rio de Janeiro, it questions the centrality of the Oedipus complex in gender construction and the persistence of educational practices based on binary classifications. It discusses the impact of cisheterosexual norms on the repression of children's expressions of gender and sexuality, highlighting the production of psychological suffering. It defends the ethical, clinical, and political need to overcome normative notions of masculine and feminine, recognizing the polymorphism of childhood sexuality, psychic bisexuality, and the unsettling strangeness they can cause. Queer pedagogy is presented as a theoretical framework that makes it possible to rethink the relationship between psychoanalysis and education, favoring the acceptance of dissident childhoods and the appreciation of fluidity and multiplicity in the constitution of subjectivities.

Keywords: psychoanalysis and education, queer pedagogy, dissident child, infant sexuality.

INTRODUÇÃO

Fundamentado teoricamente nas convergências entre a psicanálise e a teoria *queer*, o presente estudo partiu da escuta de histórias narradas por professores e professoras da educação infantil de escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro em suas interações com a criança *queer*; termo que transcende as categorias usuais de gênero e sexualidade. O *queer* também é apresentado como forma política em um movimento de refletir criticamente para

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal Fluminense. E-mail: daniellefbastos@hotmail.com

² Professora da Faculdade de Educação - Universidade Federal Fluminense. E-mail: mariliaetienne@id.uff.br

além de um pensamento teórico ou acadêmico dominante. Este texto objetiva refletir sobre a invisibilização dessa criança que se comporta de forma diferente do que é previsto pela normatividade binária. Visa responder à questão, posta por Porchat (2014), como a principal tensão acerca do binarismo situado no Complexo de Édipo: “que homem ou mulher, que masculinidade ou feminilidade podem dessa construção ser extraídos?” (p.81).

Como conceito fundamental da psicanálise, o Complexo de Édipo proposto por Sigmund Freud (1900/1980; 1924/1970) foi inspirado na tragédia grega “Édipo Rei” de Sofócles. Sem saber, Édipo mata seu pai e casa-se com sua mãe. Trazendo para o universo infantil, o Complexo de Édipo descreve os sentimentos de amor e rivalidade que a criança vivencia em relação aos pais ou aqueles que nessa representação social estão atrelados aos cuidados para o desenvolvimento da criança, principalmente durante a fase fálica, que ocorreria na faixa etária de aproximadamente três aos seis anos de idade, quando a criança desenvolveria um sentimento de identificação e atração pelo genitor do sexo oposto e rivalidade para com o genitor do mesmo sexo. Freud (1900/1980) considerou o Complexo de Édipo como uma etapa crucial para a formação do superego, sendo a resolução bem-sucedida do complexo, a base fundamental para que a criança internalize as normas sociais e morais para a convivência junto aos demais sujeitos e sua atuação no mundo. A “falha” dessa resolução levaria o sujeito aos conflitos emocionais e às neuroses.

A psicanálise tradicional exerce um papel notável ao considerar privilegiadamente o Complexo de Édipo na construção de gênero, no entanto, apontamos a necessidade ética e política de pensar para além das noções de feminino e masculino. Freud não estava desatento à questão. O título de sua obra *O mal-estar na Cultura* (1930/2010) retrata sua preocupação em dimensionar o efeito da castração aos desejos que ameaçam a construção civilizatória em todos os sentidos e, em especial, a orientação cisheterossexual. Exatamente por ser altamente pautado na lógica heterossexual que o Complexo de Édipo que é questionado pela Teoria *Queer*. Necessitamos de um pai e uma mãe para a reprodução biológica. Ainda assim, podemos ter dois pais ou duas mães, ou mesmo apenas um deles, desde que se ocupe o “papel” de cuidar, proteger, educar e amar. Por que a necessidade de que um ocupe o jogo do poder e outro o jogo do cuidado enquanto pai e mãe tradicionais? Há diversas configurações familiares fora desse padrão. Há contextos que nem configuração dita familiar possuem. Essa divisão binária precisa acontecer? Exatamente esse lugar de “um ou outro” que a teoria *queer* critica e faz cair por terra.

Voltando à escola que é o tema central deste estudo, observamos que as práticas educativas de muitas professoras e professores, atualmente, ainda se encontram baseadas em formas ultra repressivas ao proibir a criança de se manifestar de forma livre em relação às suas identificações, seja ao se relacionar com seus pares ou, simplesmente, nas ações promovidas por meio das brincadeiras, que muitos ainda teimam em classificar como brincadeiras de meninas ou brincadeiras de meninos. Ninguém nasce menino ou menina (Beauvoir, 1970; Butler, 1990). Ao longo da vida nos tornamos homem, mulher, pessoa não-binária, ou ainda, identificamo-nos sob outras formas de definição da sexualidade, ao fim de um percurso que, segundo o patriarcalismo dominante, exige de cada um o abandono das disposições bissexuais primárias, das potencialidades polimorfas e da indiscriminação infantil (Freud 1905/2006). Assim, vamos nos reelaborando cotidianamente por meio das performances³ e performatividades de gênero⁴ (Butler, 1990).

A partir da perspectiva freudiana, a criança não é vista como assexuada por natureza. Freud revela que ela é “um corpo atravessado pela pulsão (...) um corpo de desejo” (Ferreira, 2017, p. 54). Nos termos de Jean Laplanche (1992), trata-se de um “sexual-pré-sexual”, na medida em que o aparato psíquico não está preparado para a sexualidade adulta, embora a criança possua “pulsões parciais” e as exerça a partir da “linguagem da ternura”, segundo Ferenczi (1933/2011). Diante disso, a sexualidade da criança não é inerte e sim marcada por um desejo que se apresenta sob uma demanda, que a princípio parece incompreensível e, portanto, precisa ser observada e cuidada pela comunidade escolar. Freud acreditava que durante os primeiros anos de vida a criança não tem uma identificação de gênero nem uma escolha de objeto definidas e, por isso, pode buscar gratificação em qualquer parte do corpo ou em diferentes objetos. O teórico introduziu em seus estudos o termo “perverso-polimorfa⁵” (1905/2006) para descrever a fase inicial do desenvolvimento psicosssexual, em

³ A performance se caracteriza por um ato limitado, produto de uma vontade ou de uma eleição de quem a realiza. Seria aquela realizada pelas pessoas *drag*, por exemplo (Butler, 1990).

⁴ A performatividade de gênero não é caracterizada pela eleição ou agência do sujeito, mas pelo efeito repetido da norma, ainda que essas repetições nem sempre sejam realizadas da maneira como as normas desejam (Butler, 1990).

⁵ “Na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/2006), Freud afirma a importância da sexualidade infantil, propondo um esquema de transformação da libido, por fases caracterizadas pela sucessiva dominância das zonas erógenas bucal, anal e genital. Nesse texto a criança, em relação à sexualidade, é definida como um “perverso-polimorfa” (Chemama, 1995, p. 87). Ao caracterizar a infância como “perverso-polimorfa”, polivalente e autoerótica, Freud aponta que o ser humano é um sujeito dotado de desejos proibidos e conflituosos, e que se abstém deles para viver de acordo com as normas da cultura.

que a criança experimenta o prazer de formas variadas, antes de assimilar a influência das normas sociais e morais. Cabe, portanto, ressaltar a importância de Freud (1905/2006) ao reconhecer que, sendo a criança perverso-polimorfa e a tendência à bissexualidade inata, sua configuração sexual adulta se apresentará só depois (*a posteriori*), na adolescência, quando o sujeito puder fazer face às identificações e/ou orientações de gênero que se façam mais adequadas ao seu próprio desejo. A ideia de uma sexualidade infantil perverso-polimorfa é fundamental para a compreensão da sexualidade humana e do desenvolvimento psicológico, destacando-se a diversidade de experiências e características do contexto cultural na formação da subjetividade como um movimento que ultrapassa a infância, embora o “infantil” seja levado conosco para o resto da vida.

1. OU ISTO OU AQUILO?

Cecília Meireles (1964), no texto do seu poema “Ou isto ou aquilo”, apresenta a angústia de todo sujeito que se encontra dividido quando necessita realizar suas escolhas. “(...) Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo... E vivo escolhendo o dia inteiro! (...). Mas, não consegui entender ainda qual é o melhor: se isto ou aquilo.” Entre ter alguma coisa ou outra, entre ser um alguém ou outro, há a evidência que não se nasce “ou isto ou aquilo.” Ao longo da vida nos nomeamos ao fim de um percurso que desloca as disposições bissexuais primárias em múltiplas formas de identificação e escolha de objeto amoroso, que na realidade são singulares para cada sujeito. A bissexualidade constitutiva na criança é moldada por meio da norma binária, na medida que a cultura patriarcal projeta a existência exclusiva de dois sexos no psiquismo. Muitas vezes, as identificações e orientações são nítidas desde o princípio na criança. Não cabe ao adulto exigir que ela se apresente como ele quer enquanto a própria criança não crescer e puder, por si mesma, revelar-se sobre a constituição de uma ou outra forma de ser e existir.

Roberto Graña (*vide* Arreguy, 2012), em sua clínica psicanalítica com crianças, nos deu uma bela lição ao afirmar que o conceito de “Transtorno de Identidade de Gênero”, sob o qual eram encaminhadas crianças para a sua “cura”, não faz o menor sentido. Ora, não se pode “curar” as profundas identificações inconscientes, muito menos as condições efêmeras do desejo, que a sociedade insiste em coibir e recalcar. A criança tem o direito de se tornar “ou isto ou aquilo” ou, quem sabe, “outre”: nem isto, nem aquilo (Bastos, 2023). A noção de

Revista Húmus

bissexualidade psíquica introduzida na psicanálise por Freud (1905/2006; 1925/1996; 1923/2022; 1938/2019) ultrapassa a concepção normativa de organização de uma lógica binária restrita ao dualismo masculino-feminino. De acordo com essa noção, todo ser humano tem ambas as disposições sexuais masculinas e femininas de forma inata, de modo que todos nascem bissexuais, mas através do desenvolvimento psicológico, que inclui fatores internos e externos, a maioria se torna “monossexual”, principalmente, por motivos de repressão social, enquanto a bissexualidade permanece em um estado latente (Freud, 1938/2019).

Na leitura de Winnicott (1961-1962/1975), é possível criticar a ideia da centralidade do Édipo (Loparic, 1996), ademais o desenvolvimento da criança nem sempre tem uma relação direta com períodos marcados, como apresenta Freud a respeito das fases do desenvolvimento psicosexual (Freud 1905/2006). Seguindo a perspectiva de Melanie Klein (1952/1982), Winnicott considera que o desenvolvimento psíquico e seu aspecto de identificação ocorre muito cedo na vida da criança, quando ainda bebê, especialmente na relação com a mãe. O autor sugere que a condição de maleabilidade do ser reside na experiência inicial do encontro com o outro, relacionando a criatividade e suas origens à integração entre os elementos feminino e masculino da personalidade. Como propõe Winnicott (1961-1962/1975), essa maleabilidade identificatória implica em condições de maior flexibilidade e na possibilidade de se viver criativamente. Por outro lado, a dissociação do feminino e/ou masculino pode ser de tal gravidade que o sujeito pode não ser capaz de estabelecer vínculo algum com a parte recalcada da personalidade, fazendo com que a criatividade deixe de existir ou se perca.

Quando a linha binária - “ou isto ou aquilo” -, que a maioria dos sujeitos acredita ser a única condição a seguir, arrebenta, outros caminhos podem surgir. Daí, a necessidade de fazer uma releitura *queer* do Édipo e reconfigurá-lo fora de uma norma fixa e imutável, como veremos mais adiante. Fomos educados e acostumados a pensar e compreender os sujeitos, principalmente a criança, com apenas um caminho a seguir, como “disjunção exclusiva”. Essa disjunção exclusiva é caracterizada pela expressão “ou...ou”, diferentemente do termo de ligação “ou”, referido a uma “disjunção inclusiva” que trata de incluir ambas as possibilidades. Nesse procedimento, a verdade de uma proposição não impede a verdade da outra, como na disjunção exclusiva, onde a verdade de uma implica na falsidade da outra (Deleuze; Guattari, 1972/2010). “Ou isto ou aquilo.” Por que não podem ser múltiplos os

Revista Húmus vol. 16, num.47, 2026

caminhos? Menino ou menina? Quem sabe ambos? Quem sabe nenhum? O imaginário da criança não precisa ter limites. A criança rompe fronteiras ou, então, vive exatamente na fronteira.

Éric Drouet (2022), psicanalista e pesquisador da Filosofia *Queer*, foi buscar respostas na matemática dos conjuntos. Para ele, a lógica binária se baseia em três axiomas:

- *da identidade*: o gênero é incontestável, determinado do nascimento à morte, um homem não se torna mulher e vice-versa;
- *da não-contradição*: se é homem não é mulher, pois são categorias opostas; e
- *do terceiro excluído*: não é possível ser homem e mulher ao mesmo tempo, o que exclui o não-binário.

Ao proibir a passagem de uma categoria para a outra a partir de um silogismo lógico, se cria um universo descontínuo, em que uma infinidade de nuances entre “um e outro” são eliminadas, desaparecem, ou melhor, são recalcadas. Mais ainda, na exclusividade binária estrita cria-se uma exigência que vai muito além da renúncia pulsional, pois se produz um impasse, gerando a impossibilidade de que uma gama gigantesca de sujeitos, que não estão referidos aos extremos Marilyn Monroe, a superfeminina, *versus* Jonh Wayne, o “macho alfa”, possam sequer existir. Segundo Drouet (*ibid.*), as contestações *queer* despertam incompreensão e raiva e, para que seu pensamento fosse desenvolvido com uma base epistemológica sólida, ele buscou fundamento na lógica *fuzzy* ou lógica difusa, criada por Loftali Askar-Zadeh, cientista da computação estadunidense, introduzida em 1965 na teoria matemática dos Conjuntos Difusos.

A lógica *fuzzy* é um conjunto com definições subjetivas que imita a forma como os seres humanos tomam decisões. No lugar de exigir que todas as declarações sejam absolutamente verdadeiras ou absolutamente falsas, como na lógica clássica, os valores da verdade na lógica *fuzzy* podem avaliar conceitos não quantificáveis, como, por exemplo, o sentimento de felicidade (Lanzillott, 2014). Em suas constatações, Drouet demonstrou que, no campo dos gêneros, há uma fluidez de dinâmicas identificatórias situadas na recusa da binariedade de gênero. Portanto, há toda uma gama de possibilidades que está entre “ou isto ou aquilo”, “ou homem ou mulher”. Para Freud (1906/1996), o inconsciente é tido como um teatro, lugar das “representações reprimidas” (Shirahige e Higa, 2004, p. 20), enquanto para

Deleuze e Guattari (1972/2010), trata-se de uma usina impulsionada por “máquinas desejanter”, relacionadas ao desejo subjetivo de cada um. Deleuze e Guattari (1972/2010) dialogaram criticamente com o conceito do Édipo na obra de Freud, contrapondo-se à existência universal de uma “estrutura edipiana”, que estaria ligada a nossa obrigação de adequação às normas. “Enquanto o ‘ou então’ (como indicador de exclusão) pretende marcar escolhas decisivas entre termos não permutáveis (alternativa), o ‘ou’ (inclusivo) designa um sistema de permutações possíveis entre diferenças (...)” (Deleuze; Guattari, 1972/2010, p. 25).

Deleuze e Guattari estabeleceram a crítica ao teatro de representações edipianas com uma função de combater certa ortodoxia existente na prática clínica de sociedades e de psicanalistas apegados a conceitos ultrapassados, que tampouco se mantiveram atualizados e a par de reformulações feitas pelo próprio Freud. Como bem aponta Preciado (2022), é necessário estabelecer a crítica até mesmo a autores da psicanálise contemporânea que possuem uma leitura permeada por ideias que ainda negam as profundas transformações e avanços na construção da teoria psicanalítica e em suas ações, muitas vezes, arraigadas em uma dissociação entre teoria e prática. Se é possível pensar em Freud como fundador intelectual da teoria *queer*, como sugere Dean (2006) (embora alguns considerem isso uma temeridade), mesmo que ele não tenha se desvinculado totalmente de seu tempo, mantendo-se de algum modo referendado às estruturas do pensamento falocêntrico de sua época, há de se admitir que as visões de Freud estavam muito além do seu tempo, sobretudo por sua imensa coragem em apresentar a criança dotada de sexualidade e por apontar a violência em relação à sexualidade das mulheres.

2. A CRIANÇA INFAMILIAR

Na apresentação do artigo de Freud (1919) *O infamiliar e outros escritos* na Coleção *Obras Incompletas de Freud* (2019), Iannini & Tavares (p. 07) nos chamam a atenção para a definição da palavra-conceito “infamiliar”, analisando uma trama complexa de influências que faz referências às Ciências, à Filologia, passando pela Literatura, tornando-se um desafio para o próprio Freud fazer com que o outro pudesse compreendê-la (Soares, 2020). Soares (2020), esclarece que somente em francês foram propostas ao menos três traduções diferentes para a palavra: “L’inquiétante étrangeté”, “L’ inquiétant familier” ou

Revista Húmus

“*L’inquiétant*”; em espanhol, “*Lo siniestro*” ou “*Lo ominoso*”; em italiano, “*Il perturbante*”; em inglês, “*The uncanny*”; em português, “O Estranho” ou “O inquietante” (Iannini; Tavares, 2019, p. 7). Finalmente, na tradução de Ernani Chaves & Tavares (2019) que adotamos nesse artigo, “O infamiliar.”⁶ Cassin; Santoro; Buarque (2018) dizem que nenhum conceito de Freud apresenta tantas variações. Estamos diante do “intraduzível”, não um intraduzível que não possa absolutamente ser traduzido, “mas o que não cessa de não se traduzir.” O “infamiliar” é aquilo que deveria estar oculto e vem à tona, tornando a estranheza um “sentimento de mal-estar” (Chemama, 1995, p. 64). Existe a necessidade de se preparar para acolher essa criança que a comunidade escolar enxerga como estranha, “*Unheimliche*/infamiliar” (Freud, 1919/1996), termo que como a palavra *queer*, representada pelo Cuir (Pelúcio 2014) ou Cu (Colling, 2016), por exemplo, é também praticamente intraduzível na língua portuguesa. Vamos à narrativa de uma cena que se passou em uma escola da educação infantil e foi utilizada como metodologia desse estudo.

“–Profe!” Já falei com a turma! Vou usar o banheiro das meninas!”

Paulinho tinha cinco anos e integrava a turma da educação infantil. Quando foi matriculado na unidade escolar, em nada demonstrou ser uma criança que iria desafiar as normas da escola. Sempre expansivo e alegre, se relacionava com seus pares de forma amistosa. Era uma criança que todo professor gostaria de ter, quando se mostrava participativa e criativa. E, também, era uma criança que muitos professores preferiam não ter, sobretudo quando se mostrava desafiadora, ousada e, nas palavras da sua professora, “uma criança abusada” (SIC). Assim Paulinho foi qualificado quando naturalmente não perguntou, mas informou à “profe”, que já tinha combinado com a turma que iria utilizar o “banheiro das meninas”. Desconcertada, a professora lhe pediu calma. Ela não quis identificá-lo como menino ou menina. A fala da professora:

⁶ O “infamiliar” (*Das Unheimliche*) (Freud, 1919), também conhecido como “estranho” é um termo praticamente intraduzível para a língua portuguesa. É uma palavra-conceito muito utilizada e discutida na psicanálise, a qual por ter diversas traduções, ainda desperta variadas interpretações. Em alemão o “un” é um prefixo de negação assim como “in” em português, *heimliche* poderia ser pensado em uma tradução possível como sendo o lar, algo familiar, dessa forma, *un-heimliche* ou in-familiar (Chemama, 1995, p. 64). *Das Unheimliche* já foi traduzido por “O estranho” e “A inquietante estranheza”, dependendo da versão e da Editora.

“–Se digo que Paulinho não é menina e, por isso, não pode frequentar o banheiro escolhido, tenho que debater a ideia do que é ser menino ou menina. Se afirmo que ele não pode frequentar o banheiro por ser menino, também tenho que ter um bom argumento! Não sei como agir!”

Mais inusitado ainda foi quando a “profe” quis usar o nome da criança para “resolver” a situação.

“–Qual é o seu nome?” – Questionou a professora em tom corretivo.

“–Paulinhaaaaaaaaa!” – Respondeu a criança, se identificando com um nome dito feminino.

“–Aos risos, Paulinho debochou de mim e fiquei sem ter o que dizer. Achei que já tinha avançado, não proibindo sua entrada no banheiro das meninas. Mas, continuei sem chão, sem voz e sem resposta!”

A professora do Paulinh(o) gostaria de avançar em um tema que ela acreditou ser fácil de abordar. Por não ter dito “não” na conversa com o Paulinh(o), acreditou ter uma visão de mundo diversa e acolhedora. Porém, a professora não disse “sim” a Paulinh(a). Ela pensou resolver a situação colocada por meio do diálogo e de uma escuta atenta e inclusiva. Todavia, esbarrou nas normas já existentes na escola. A professora se esforçou para não barrar Paulinh(a), mas a decisão não era somente dela. Banheiros públicos multigêneros já existem e são utilizados sem -questionamentos em aviões, ônibus intermunicipais e estaduais, em alguns bares e restaurantes, e até mesmo em diversas empresas (York, 2025).

O que a criança defendia, e sua professora não conseguiu defender junto à comunidade escolar, era que o uso do banheiro de forma segura de acordo com as identidades de gênero autodeclaradas fosse uma forma comum de inclusão. Tomando essa vinheta como um protótipo, percebemos que a escola não se encontra preparada para desinvisibilizar as diferenças. Uma psicanálise ortodoxa, por sua vez, falha com as epistemologias *queer* quando demonstra não afirmar seu potencial subversivo em relação às questões da sexualidade, como propõe Laufer (2005), ao nos convidar a escutar o outro sem preconceitos.

Essa é a mesma orientação da Escola Psicanalítica da Escuta Periférica que se articula a partir de uma ideia baseada na concretude de uma psicanálise às margens do *status quo* burguês, classista e hegemônico. Seus fundadores advogam em favor de “(...) um contexto de interseção entre os campos da subjetividade, da política e da cultura” (Lopes; De Oliveira, p. 16, 2005). Fundamentam sua práxis como uma escuta que compreendeu que

não existe apenas um público merecedor de acolhimento e que “(...) não se alinha com as hegemonias e recusa as violências simbólicas que impõem moldes opressores aos sujeitos. Ela promove uma abertura à multiplicidade de vozes e de experiências, possibilitando uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais que envolvem a vida dos indivíduos e dos grupos marginalizados” (Lopes; De Oliveira, p. 18, 2005).

Aos que se encontram à margem é necessário ser reconhecida a potência do contraditório e do imprevisível, sendo necessária a escuta do sujeito adulto ou da criança que performa gênero, porém, mais ainda, a fala que se faz verdadeira e que precisa ser acolhida na sua dissidência. O sujeito pode ser “isto ou aquilo” na função da disjunção inclusiva que contempla todas as possibilidades de ser e existir. A dissidência em relação às formas binárias excludentes não é fundamentada na invisibilidade, ao contrário, é celebrada sua fluidez e aceitação. Na infância, quando ocorrem relevantes experiências na escola, mesmo que não se pretenda, surge usualmente um espaço de exclusão. Que tal *queerizá-la* e desafiá-la no sentido da promoção de um espaço subversor de normas ultrapassadas e violentas?

3. FUTURIDADES QUEER

Como a psicanálise pode tecer uma leitura e indicar um caminho de interpretação sobre as múltiplas manifestações da sexualidade contemporânea? Como a psicanálise pode caminhar junto à educação? Pensar em um espaço educacional fundamentado em uma pedagogia *queer* (Louro, 2004; Bastos & Arreguy, 2021) atrelada aos pressupostos de uma psicanálise crítica leva em consideração a necessidade de se (in)dispor face às formas de subjetivação que possam conduzir respostas unívocas. Pensar em deslocamentos do “pensamento único” (conservador nos costumes), consiste também em pôr em xeque a insistente expectativa predominante no adulto de capturar a infância em uma tentativa de regulá-la, excluindo as variadas formas da sexualidade infantil. Mais do que saber o que é uma criança, é preciso pensá-la como desconhecida, ou seja, permitir que a criança exista e manifeste suas indagações e desejos, sem pretender adaptá-la a um modelo rígido de subjetividade. Não é possível “retirar a fórceps” ou “amputar” as identificações inconscientes mais recônditas e determinantes de futuras escolhas de objeto sexual e identificação de

gênero na adolescência. A infância “(...) pode arriscar-se a percorrer por caminhos não traçados, experimentar as surpresas do incerto e do inesperado” (Louro, p. 16, 2004).

Como fizeram com a “ideologia de gênero”⁷, “*kit gay*”⁸ etc., a cada dia cria-se mais um “inimigo em comum”, como um levante para excluir crianças dissidentes, especialmente as transgêneras. Contra todos essencialismos, poder-se-ia dizer que não existe “naturalmente” heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, transexualidade, homem, mulher, menino, menina ou qualquer outra identidade sexual e de gênero, pois todas as formas de ser e existir, para além de suas supostas determinações biológicas, são não só construídas socialmente, mas também o resultado de determinações inconscientes, eventualmente traumáticas. As categorias identitárias só existem enquanto ficções através do que foi divulgado pela linguagem, criando classificações forjadas para diversos fins, sobretudo de dominação. A norma binária, “ou homem ou mulher”, agrupa os sujeitos em conceitos pré-definidos, tendo como base as características em comum que passam a existir no momento que são consolidadas certas narrativas hegemônicas⁹ em nossa cultura. Como bem aponta Foucault (2021), temos enorme dificuldade enquanto sociedade na complexa arte de conduzir os sujeitos desde a infância. Conduz-se à obediência em relação às “verdades” instauradas pelos desdobramentos de uma filosofia cristã, a qual historicamente reproduzimos via comportamentos e discursos tradicionalistas em nome do conservadorismo. Butler (1990/2019) igualmente esclarece como se daria, se ao contrário fosse, uma sociedade não articulada com a hegemonia:

⁷ “Ideologia de gênero” trata-se de uma narrativa criada por uma parte conservadora da Igreja Católica no movimento “Pró-vida e Pró-família” que, no Brasil está centralizado em um *site* chamado Observatório Interamericano de Biopolítica. Para uma contextualização mais ampla, acessar a entrevista com a professora Jimena Furlani sobre a construção da ideologia de gênero no país. **“Existe Ideologia de Gênero?”** - Agência Pública (Agência de Jornalismo Investigativo). Disponível em: <http://apublica.org/2016/08/existe-ideologia-degenero/>.

⁸ No ano de 2011, um conjunto de materiais que seriam distribuídos nas escolas foi denominado pejorativamente por opositores do governo vigente à época como “*kit gay*.” Tratava-se de um material didático que era parte do Projeto “Escola sem Homofobia”, proposto pelo Ministério da Educação e por ONG’s Nacionais e Internacionais em parceria com a UNESCO. O material estava vinculado ao Programa “Brasil Sem Homofobia”, programa interministerial que visava o combate à homofobia em diversos eixos, dentre esses as escolas públicas. Nesse contexto, pressões realizadas por parlamentares conservadores culminaram no veto do material.

⁹ *Confissões da Carne* (Foucault, 2018) é o quarto e último volume da Coleção *História da sexualidade*. Um texto que amplia os estudos e as investigações sobre o desenvolvimento histórico das artes do cuidado e do governo de si e amplia a discussão sobre conjunto de práticas dos primeiros séculos, configurando a dominação do cristianismo sobre o modo de pensar e exercer a sexualidade.

Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de um conjunto de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga. As configurações culturais do sexo poderiam então proliferar, melhor dizendo, sua proliferação atual poderia então tornar-se articulada nos discursos que criam a vida cultural inteligível confundindo o próprio binarismo de sexo e denunciando sua não naturalidade (p. 256).

Entendemos ser possível o diálogo entre as teorias *queer* e psicanalítica, investigando atravessamentos e implicações entre uma e outra na tentativa de elucidar como se dão os impasses na relação professor-aluno. Isso também perpassa pela reformulação da formação dos professores e a ampliação crítica de um currículo que se mostre politizado, portanto, mais justo e livre. A exemplo de Preciado, a partir de suas contundentes críticas aos discursos e práticas da psicanálise - que ora permeia um diálogo possível entre o *queer* e a psicanálise, ora expõe a necessidade de se repensar e inaugurar uma psicanálise atravessada pelas teorizações *queer* (Preciado, 2013; 2014; 2022) - é preciso “ter receio de teorias que não dançam” (Dodi Leal, 2021) e ter uma visão de produção de conhecimento que gere um alinhamento às contribuições históricas da psicanálise à luta contra a opressão sexual, visando despertar o interesse de acolher as diferenças do pensamento e comportamentos que “dançam na medida em que se rompe com o binarismo” (...) (*Ibidem*).

É importante discutir não apenas sobre as convergências, mas também sobre as divergências entre esses saberes. “Dançar” com as teorias *queer* e psicanalítica produz atravessamentos, fissuras e subversões em relação ao que é difundido pela norma binária hegemônica. Assim, veicula-se a possibilidade de surgirem teorias outras que evidenciem os processos invisíveis que se atribuem às perspectivas do que vem a ser uma suposta normalidade. Portanto, faz-se necessário falar da criança que causa estranhamento e que, por isso, traz problemas reais para o cotidiano escolar, já que desde a sua chegada nas unidades de ensino, ela demonstra uma valentia que esbarra nas falas e comportamentos de seus professores.

4. A PROFISSÃO IMPOSSÍVEL

Na relação da educação com a psicanálise, é fundamental compreender os processos de aquisição e construção do conhecimento, além da formação psíquica da criança. Por isso, a relevância em se considerar as influências da teoria psicanalítica no questionamento das intervenções pedagógicas porventura moralistas, no intuito de confrontar pensamentos, elaborar e reelaborar explicações, propor novas respostas e buscar novas perguntas (Beauclair, 2004).

A psicanálise se faz importante no contexto educativo, na medida em que constata e questiona a pertinência da repressão excessiva dos desejos na infância. Seus apontamentos auxiliam o professor a construir práticas que possibilitem uma escuta mais apurada e o desenvolvimento de relações educativas mais prazerosas e menos punitivas. A criança deve ser compreendida como um ser que possui uma energia sexual psíquica que necessita ser liberada e expressa em sua dimensão criativa, e não apenas podada, moldada e punida. Claro que não devemos ser ingênuos e acreditar que seria possível uma realização perfeita ou uma liberação completa das pulsões, sob o risco do caos. Cifali & Imbert (1999) são autores que recorreram a vários trabalhos de Freud, apontando que os textos psicanalíticos denotam que o mal-estar na cultura é inerente ao desenvolvimento da vida em sociedade, expondo que, do ponto de vista histórico, não há uma educação que possa abrandar a insatisfação caracterizada pela sexualidade humana. Destacam ainda que as práticas educativas são determinadas pelos recalcamientos sofridos também pelo professor e que incidem sobre a parte infantil da sua própria sexualidade (Freud, 1930/2010).

Freud (1920/1996) almejou que a psicanálise pudesse oferecer contribuições aos domínios da educação e à pedagogia. Seguindo-o, psicanalistas e pedagogos pesquisaram instrumentos teóricos e práticos que permitissem educar reconhecendo as dimensões inconscientes do sujeito. Freud não propôs modelos de aplicação prática da psicanálise ao campo educacional, contudo, no texto *O esclarecimento sexual das crianças*, Freud (1907/1973) apontou as limitações na sexualidade dos adultos, destacando que suas respostas habituais são vazias em relação aos questionamentos das crianças, de modo que ofendem a curiosidade infantil. Em suma, os adultos mentem e sua moral nem sempre é tão “superior” à sensibilidade infantil. Cifali & Imbert (1999) puderam localizar no conjunto de trabalhos psicanalíticos, que uma “educação psicanalítica” seria aquela capaz de acolher a

Revista Húmus

realidade das pulsões, ao mesmo tempo em que reconhece ser impossível o total acesso à satisfação. Nesse sentido, a educação deveria buscar um equilíbrio entre privação e permissividade (Cifali; Imbert, 1999).

Se as possíveis pedagogias *queer* puderem se apropriar das contribuições da psicanálise para a educação, ainda que criticando-as, e romper com as fronteiras culturais da forma de compreender a sexualidade, problematizando as diferenças, poderíamos, assim, repensar a representação do conhecimento e do poder patriarcal que circula nas escolas e no interior do aparato do saber e do poder que cada professor carrega dentro de si.

(...) Compreender as sexualidades em tantos termos quanto possíveis e ainda assim conseguir assinalar as sexualidades como algo que é moldado na linguagem e na conduta. Isso significa construir pedagogias que envolvam todas as pessoas e que possibilitem que haja menos discursos normalizadores dos corpos, dos gêneros, das relações sociais, da afetividade e do amor (Britzman, 1996, p.93).

Por outro lado, atentar-nos às contribuições da psicanálise para a educação, significa que os professores e as professoras devem se arriscar nas tentativas de acessar o que é (im)possível de se transformar. Isso exige uma educação mais comprometida a partir da compreensão de si e do outro. Na escola que se pretende um espaço de desenvolvimento e aprendizagens plurais e progressistas, não é mais possível apenas preconizar "(...) Um modelo de aluno que corresponde à norma social: um menino ou uma menina com as características de gênero, heterossexualidade e estrutura familiar compatíveis com o que é esperado pela sociedade" (França; Calsa, 2011, p. 111). "Uma pedagogia e um currículo *queer* se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionados, em que as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas" (Louro, 2001, p. 550). Dessa forma, uma pedagogia *queer* estaria voltada para um processo de produção e valorização das diferenças e trabalharia com a instabilidade de todas as identidades. Uma proposta *queer* nas escolas permitiria com que as diferenças fossem aceitas sem tanto estranhamento. A busca por dissoluções frente à demanda da desconstrução de preconceitos que o professor carrega dentro de si, o instiga a elaborar um novo saber e a se entregar à observação das singularidades da criança. Assim, a travessia pelas fronteiras estabelecidas entre professor e a criança *queer*, pode ser pautada em

Revista Húmus

epistemologias críticas tanto dos estudos *queer* quanto da psicanálise, na medida que impactam as relações nas escolas no sentido da quebra de preconceitos e de estereótipos extremamente excludentes e destrutivos.

CONSIDERAÇÕES SEM FIM

A psicanálise, assim como a pedagogia *queer*, questionam o porquê de a educação ser repressora. De que maneira então, a educação cumprirá a função de apontar os limites da vida em sociedade sem destruir o desejo infantil? Sem a pretensão de formular ou reproduzir verdades inquestionáveis, faz todo sentido que a pedagogia *queer* caminhe junto ou pelo menos faça referência às possíveis reflexões e desdobramentos que permitam revisitar a relação entre a educação e a psicanálise, cujo objetivo primordial seria a inclusão da criança no mundo de forma menos traumática. Mesmo que tenha passado mais de um século desde a sua elaboração por Freud, ainda hoje, o Complexo de Édipo permanece como parte da compreensão do desenvolvimento psicosssexual infantil e do entendimento das normas colocadas à vida em sociedade.

Nesse sentido, é preciso repensar a reconfiguração do Édipo frente às mudanças estabelecidas nas formas de ser e de se apresentar num mundo não binário. Lacan (1998) dá um passo nessa direção ao elaborar a triangulação edípica enquanto funções indeterminadas pelo gênero. Perante as diferenças e aos (pré)conceitos que o professor carrega em si, surge a necessidade de uma travessia pelas epistemologias dos estudos de gêneros e sexualidades de modo a produzir o acolhimento das dissidências. A criança dissidente ainda é vista como “infamiliar” ou “*queer*” por quem teima em conservar a escola como espaço reprodutor de uma sociedade que não encontrou o equilíbrio entre a construção da norma e o respeito à alteridade.

Paulinh(a) é uma criança que não cessa de criar e resistir. Criança transgênero existe e, na escola pautada por uma pedagogia *queer*, o banheiro seria de “todes”! A trama edipiana está na base não somente do sujeito, mas também da cultura dita “ocidental”. A família burguesa, a moral, a religião, as leis e a escola, são alguns exemplos de aparatos que por meio de construções sociais, buscam impor normatizações que vão perpetuar comportamentos há tempos reproduzidos. Já não há espaço para tomar o Complexo de Édipo necessariamente como uma relação literal do desejo da criança pelo pai ou mãe, em

um caráter simbólico binário exclusivo. Dentro de cada menino/menina/menine existe diferenças por conta da subjetividade de cada um. Nesse sentido, é preciso deixar-se tocar pela estranheza do outro, mesmo que isso cause as mais profundas inquietações. Afinal, a estranheza também está no sombrio que se revela em nós mesmos.

REFERÊNCIAS

ARREGUY, Marília Etienne. **RESENHA CRÍTICA DO LIVRO: TRANSTORNOS DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA INFÂNCIA: escritos selecionados (Graña, Roberto B., 2009)**. Psicologia em Revista, n. 1, v. 18 (2012), p. 169-171, 2023.

BASTOS, Danielle Ferreira. **TODA CRIANÇA É QUEER? “Ou isto ou aquilo.”** 2023. (Dissertação) Mestrado. Mestrado em Educação. Universidade Federal Fluminense, 2023.

_____; ARREGUY, Marília Etienne. **Por uma pedagogia da amorosidade queer**. Revista Artes de Educar, Rio de Janeiro, v. 7. n. 2, p. 1016-1036, 2021.

BEAUCLAIR, João. **PSICOPEDAGOGIA: trabalhando competências, criando habilidades**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

BEAUVOIR, Simone. **O SEGUNDO SEXO: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BRITZMAN, Deborah. **O QUE É ESTA COISA CHAMADA AMOR - identidade homossexual, educação e currículo**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 21, p. 71-96, 1996.

CASSIN, Barbara; SANTORO, Fernando; BUARQUE, Luisa. **DICIONÁRIO DOS INTRADUZÍVEIS: um vocabulário das filosofias**. Volume Línguas. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

CIFALI, Mireille; IMBERT, Francis. **Freud e a Pedagogia**. São Paulo: Loyola, 1999.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O ANTI-ÉDIPO: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1972/2010.

DROUET, Éric. **Filosofia e lógica queer**. In: Colóquio Internacional Queer e Psicanálise: guerra e paz? Anais. Bandol, p. 1-7, 2022.

FERENCZI, Sándor. **Confusion of tongues between adults and the child**. The language of tenderness and of passion. (1932) International Journal of Psychoanalysis, XXX, pp. 225-230, 1949.

FERREIRA, Tânia. **A ESCRITA DA CLÍNICA: psicanálise com crianças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: as confissões da carne**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRANÇA, Fabiane Freire; CALSA, Geiva Carolina. **GÊNEROS E SEXUALIDADES NA FORMAÇÃO DOCENTE: desafios e possibilidades**. Revista Sociais e Humanas, Santa Maria, n 2, v. 24, p. 111- 120, 2011.

FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume IX. Rio de Janeiro: Imago, 1900/1980.

_____. **Três ensaios sobre sexualidade e outros Trabalhos**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume IV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1905/2006.

_____. **O esclarecimento sexual das crianças.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume 9. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1907/1976.

_____. **O ‘estranho.’** In: Uma neurose infantil e outros trabalhos. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume 17. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1996.

_____. **O eu e o id.** In: _____. Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras. 1923/211.

_____. **A dissolução do complexo de Édipo.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago. 1924/1974.

_____. **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Volume IV. Rio de Janeiro: Imago. 1925/1996.

_____. **O mal-estar na cultura.** In: _____. Obras Completas. São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010.

_____. **Esboço da psicanálise.** Editora Cienbook. São Paulo. 1938/2019. (EBOOK).

IANNINI, Gilson; TAVARES, Pedro Heliodoro. **Freud e o infamiliar.** In: FREUD, Sigmund. O infamiliar e outros escritos. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

JACQUES, Lacan. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.

KLEIN, Melanie. **Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê** in Progressos da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1952/1982.

LANZILLOTTI, Regina Serrão. **LÓGICA FUZZY: uma abordagem para reconhecimento de padrão.** São Paulo: Paco Editorial, 2014.

LAPLANCHE, Jean. **Novos fundamentos para a Psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAUFER, Laurie. **Rumo a uma psicanálise semancipada:** reatar com a subversão. Porto Alegre: Criação Humana, 2005.

LOPARIC, Zeljko. **WINNICOTT: uma psicanálise não edipiana.** In *Percurso*, n. 17-2, p. 44, 1996

LOPES, Ronald; DE OLIVEIRA, Jairo Carioca. **TRAVESSIA - DA ESCUTA ADESTRADA AO PSICANALISTA PERIPHÉRICO: quando a centralidade vira margem.** *Revista Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 57, p. E945, 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **TEORIA QUEER: uma política pós-identitária para a educação.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

_____. **UM CORPO ESTRANHO: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo.** São Paulo: Global Editor, 1964.

PORCHAT, Patrícia. **PSICANÁLISE E TRANSEXUALISMO: descontruindo gêneros e patologias com Judith Butler.** Curitiba: Juruá, 2014.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Quem defende a criança queer?** *Jangada-crítica, literatura, artes*. Viçosa, p. 96-99, 2013.

_____. **MANIFESTO CONTRASSEXUAL: práticas subversivas de identidade sexual.** São Paulo: N-1 Edições, 2014.

_____. **EU SOU O MONSTRO QUE VOS FALA: relatórios para uma academia de psicanalistas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

SHIRAHIGE, Elena Etisuko.; HIGA, Marília Matsuko. **A Contribuição da Psicanálise à educação.** Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.

SOARES, Jean Dyêgo Gomes. **RESENHA CRÍTICA DO LIVRO: O INFAMILIAR [DAS UNHEIMLICHE]:** uma edição crítica à sua maneira. *Natureza Humana*. São Paulo, v. 22, n. 1, p. 201-204, 2020.

WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1961-1962/1975.

YORK, Sara Wagner. **BANHEIROS, GÊNERO E PODER: a história de um espaço que vai muito além da porta.** *Brasil 247* [online], São Paulo, 31 ago. 2025. Blog. Acesso em: 23 mar. 2026